Brazilian Journal of health Review

Diversidades de gêneros e acesso à saúde: concepção dos estudantes de medicina e enfermagem do centro universitário de Patos de Minas

Gender diversity and health acess: perceptions of the students of nursing and medicine of centro universitário patos de Minas

DOI:10.34119/bjhrv2n4-092

Recebimento dos originais: 20/05/2019
Aceitação para publicação: 25/06/2019

Luíza Pereira Lopes
Discente do curso de Medicina do Centro Universitário de Patos de Minas - UNIPAM
Instituição: Centro Universitário Patos de Minas
Endereço: R. Maj. Gote, 808 - Caiçaras, Patos de Minas - MG, 38700-207
E-mail: luizinhaplopes@hotmail.com

Maria Gabriela Ferreira Carvalho
Discente do curso de Medicina do Centro Universitário de Patos de Minas - UNIPAM
Instituição: Centro Universitário Patos de Minas
Endereço: R. Maj. Gote, 808 - Caiçaras, Patos de Minas - MG, 38700-207
E-mail: magafcarvalho97@gmail.com

Laís Moreira Borges Araujo
Mestre em Gerontologia pela Universidade Católica de Brasília. Docente do Centro Universitário de Patos de Minas - UNIPAM
Instituição: Centro Universitário Patos de Minas
Endereço: R. Maj. Gote, 808 - Caiçaras, Patos de Minas - MG, 38700-207
E-mail: laismba@unipam.edu.br.

RESUMO

As diversidades de gênero vivenciam diversas formas de preconceitos e violências cotidianas. Uma das maneiras de discriminação vivida é a dificuldade em acessar o Sistema Único de Saúde (SUS), uma vez que muitos profissionais de saúde não estão capacitados em atender às singularidades de um indivíduo LGBT e acoplam os seus valores morais ao atendimento de maneira a provocar situações constrangedoras. Consequentemente, muitos transexuais, travestis, lésbicas, bissexuais, intersexuais e gays, se distanciam do âmbito da saúde. Sabe-se que há a existência de variadas leis que amparam a qualidade de vida da comunidade LGBT. Portanto, entende-se que o problema não está na formulação de programas governamentais, mas na formação e práxis dos médicos e enfermeiros. A partir disso, este trabalho buscou compreender a percepção dos estudantes do Centro Universitário Patos de Minas (UNIPAM) sobre a necessidade do entendimento acerca do contexto de saúde vivido pelos diversos tipos de gênero, para atender as demandas dessa comunidade da melhor maneira possível. Dessa forma, a amostra do estudo foi composta pelos estudantes de graduação, do Centro Universitário de Patos de Minas - UNIPAM, dos cursos de Enfermagem e Medicina, matriculados, de todos os períodos e ambos os sexos. Os entrevistados receberam orientações e assinaram o termo de consentimento livre esclarecido, para que, assim, pudessem responder

Brazilian Journal of health Review

o questionário estruturado com perguntas sobre conhecimentos quanto a conceituação dos diferentes gêneros, peculiaridades de atendimento, políticas de amparo, necessidade ou não de mudança na conduta dos profissionais na atualidade, além da análise se existe a abordagem do tema durante a graduação nos cursos e se é passível a modificação dessa conjuntura. Quanto aos resultados, a parte qualitativa foi feita por análise temática, através de categorizações, e a quantitativa, foram apresentadas sob a forma de frequência simples, médias, medianas, porcentagem por meio do programa estatístico Statistical Package for Social Sciences (SPSS), versão 20, além da elaboração de correlações, por meio do método estatístico chamado de "Coeficiente de Correlação Rô (ρ) de Spearman". Mediante as informações coletadas, observou-se falha na formação acadêmica para melhor conduta no atendimento a essa população e interpretações equívocas sobre a definição e a realidade das diversidades de gênero.

Palavras-chave: Atenção à Saúde; LGBT; Medicina; Enfermagem; Humanização.

ABSTRACT

The gender diversity experience various forms of preconceptions and everyday violence. One of the ways of discrimination experienced is the difficulty in accessing the unified health system (SUS), since many health professionals are not trained to deal with the peculiarities of an individual LGBT and engage their moral values in the way of leading to embarrassing situations. Consequently, many transexuals, transvestites, lesbian, gay, bissexual and intersex distance themselves from the field of health. It is known the existance of many laws that support the quality of life of the LGBT community. Therefore, it is understood that the problem is not in the formulation of government programs, but it is in the graduation and practice of doctors and nurses. From this, this study sought to understand the students perception of the Centro Universitário Patos de Minas (UNIPAM) about the need for understanding the context of health lived by different types of genre, to meet the demands of this community in the best way possible. In this way, the study sample was composed by undergraduate students of the courses of nursing and medicine, from all periods and both sexes. The autors have given oral instructions to the students participants and they signed the consent form free clarified, so that they could answer a structured questionnaire with questions about knowledge and the conceptualization of the gender diversity, peculiarities service of health, support politics to this group and the need to change in the conduct of professionals today, also the analysis if there is a theme approach during the undergraduate courses and if it is liable to modification. As for results, the qualitative part was made by thematic analysis, through categorizations, and quantitative, were presented in the form of simple, médium frequency and percentage by using the Statistical Package for statistical programme Social Sciences (SPSS) version 20, plus the development of correlations, using the statistical method called "Correlation Coefficient Rho (ρ) of Spearman. Using the information collected, it was found failed learning conducts by the studets of medicine and nursing to deal with this population requestions and equivocal interpretations about the definition and the reality of gender diversity.

Key-words: Health Attention, GBLT, Medicine, Nursing, Humanization.

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, a comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros (LGBT) vivencia diversas formas de preconceitos e violências cotidianas. Uma

das maneiras de discriminação vivida é a dificuldade em acessar o Sistema Único de Saúde (SUS). O SUS, embora seja um sistema de acesso universal para todos os brasileiros - independente de idade, raça/cor ou orientação sexual - é uma política que opera a partir de preconceitos com relação ao gênero e à sexualidade. Transexuais e travestis têm dificuldades em acessar o sistema e, quando acessam, muitas vezes têm sua construção de gênero estigmatizada e patologizada (GUARANHA, 2017).

Nesse contexto, na pesquisa feita por Rogers (2016) sobre a percepção dos usuários LBGT do atendimento na atenção primária foi evidente que os transexuais preferem cuidar de sua saúde de forma autônoma e ir em uma emergência às unidades básicas de saúde do que frequentar o local regularmente. Como causa disso, um dos principais motivos foi o não reconhecimento do nome social pelos profissionais, o constrangimento durante as consultas de ambos os lados, além da falta de habilidade técnica sobre questões fisiológicas acerca de corpos transexualizados. Similarmente,

> Pesquisas brasileiras do ano de 2011 mostraram que, entre mulheres homossexuais, 3 a 7% nunca acessaram os serviços ginecológicos, e de 13 a 70% não acessam os serviços ginecológicos anualmente, sendo que a metade, aproximadamente, não revela a sua orientação sexual (CARVALHO, 2013, p. 20).

Além disso, de acordo ainda com Carvalho (2013), foi constatado em sua pesquisa que os profissionais de saúde solicitam menos exames de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST's) a mulheres lésbicas, muitas vezes, por acreditarem no fato de que elas estão "seguras" ao não se relacionarem sexualmente com homens. Entretanto, existem muitas doenças que podem ser propagadas na relação sexual entre duas mulheres e, por isso, as lésbicas ficam, certas vezes, vulneráveis a tais patologias. Ainda dentro dessa conjuntura, a análise realizada por Borges (2012) acerca do suporte social oferecido aos transgêneros na cidade de Patos de Minas notificou que, no que se refere aos serviços de saúde, constatou-se que "a maioria dos entrevistados considerou ineficiente o atendimento médico" (BORGES, 2012, p. 250).

Portanto, é notório que existem diversas "lacunas" no cuidado à saúde dos diferentes gêneros sexuais. Sabe-se que há a existência de variadas leis que amparam a qualidade de vida da comunidade LGBT. Entretanto, é imprescindível a percepção de que o problema não está na formulação das políticas de saúde e sim, na maioria das vezes, nas relações sociais profissional-paciente no âmbito da saúde.

Diante do exposto, o presente estudo teve como principal objetivo elucidar a percepção dos estudantes de medicina e de enfermagem presentes nos discursos e na prática

destes sobre a necessidade do entendimento das vivências e singularidades da comunidade LGBT para o suporte de saúde aos diferentes gêneros sexuais.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo com abordagem qualitativa e quantitativa, do tipo descritivo. A pesquisa foi submetida à apreciação e aprovação pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM), sob o parecer nº 2.504.638. A população do estudo foi composta pelos estudantes de graduação, do UNIPAM, dos cursos de Enfermagem e Medicina. A amostra foi feita por conveniência.

Foram incluídos no estudo todos os estudantes de graduação dos cursos de Enfermagem e Medicina, de todos os períodos, que estavam regularmente matriculados no UNIPAM e de ambos os sexos. Sendo excluídos todos os estudantes que não estavam regularmente matriculados na instituição de ensino, que se recusaram a responder o instrumento de coleta de dados, se recusaram a assinar o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), não responderam a todas as perguntas, se encontraram em licença escolar e todo e qualquer estudante que não pertencia aos cursos de graduação selecionados.

Utilizou-se um questionário estruturado para avaliação da concepção dos estudantes de enfermagem e medicina do UNIPAM sobre a diversidade de gêneros e o acesso à saúde. O instrumento possui segmentos com perguntas sobre conhecimentos quanto à conceituação dos diferentes gêneros, às peculiaridades de atendimento, tanto físicas quanto psicológicas, políticas de amparo, necessidade ou não de mudança na conduta dos profissionais na atualidade, além da análise se existe a abordagem do tema durante a graduação nos cursos e se é passível a modificação dessa conjuntura.

Os voluntários receberam informações a respeito dos objetivos do trabalho sob a forma de orientação por um texto esclarecedor e participaram do estudo após assinar o TCLE, que, também continha breve descrição dos objetivos gerais da pesquisa.

A coleta de dados foi efetivada via virtual, sob supervisão dos pesquisadores, por meio da realização do questionário formulado no site “Google Docs Forms” pelos voluntários para avaliação da concepção dos estudantes de enfermagem e medicina do UNIPAM sobre a diversidade de gêneros e o acesso à saúde. Por conseguinte, as informações foram armazenadas em um banco de dados no software estatístico Statical Package for the Social Sciences (SPSS), versão 22.0 para Windows.

Posto isso, a análise descritiva desses dados foi realizada por meio de frequências, médias e porcentagens, além da elaboração de correlações, por meio do método estatístico chamado de "Coeficiente de Correlação Rô (ρ) de Spearman" que avalia a relação monotônica entre duas variáveis ordinais, descrevendo a força e a direção da associação.

Já na parte qualitativa, optou-se pelo método de análise de conteúdo mediante duas perguntas com respostas por extenso, de maneira a entender melhor a resposta dos participantes. A primeira indagou sobre a diferença entre transexual, homossexual e travesti. Já a segunda, teve a finalidade de compreender o porquê que, para as pessoas que marcaram sim, a população LGBT precisaria de maior atenção no âmbito da saúde. Dentro desta análise, é valido dizer que alguns alunos se recusaram a responder adequadamente e, por isso, foram excluídos da explanação qualitativa de resultados.

3 RESULTADOS

A amostra desse estudo foi composta por 83 estudantes. Dentre eles, 68 (81,9%) estavam cursando Medicina e 15 (18,1%) Enfermagem (Tabela 4). Quanto à faixa etária, observou-se o espectro de 18 a 37 anos, com média de 22,02 anos (Tabela 1). No total, a maioria dos participantes eram do sexo feminino 64 (77,1%) e apenas 19 (22,9%) do masculino (Tabela 2). Além disso, observou-se uma prevalência da amostra no 6º período de graduação, com 25 (30,1%) dos discentes. Quanto ao estado civil, 74 (89,1%) participantes eram solteiros, 5 (6%) casados, 1 (1,2%) divorciado, 3 (3,6%) escolheram outros (Tabela 3).

Tabela 1: Estatísticas descritivas

	Quantidade	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Idade	83	18	37	22,02	3,414

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Tabela 2: Sexo

		Frequência	Porcentual	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	Feminino	64	77,1	77,1	77,1
	Masculino	19	22,9	22,9	100,0
	Total	83	100,0	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Brazilian Journal of health Review

Tabela 3: Estado civil

		Frequência	Porcentual	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	Casado	5	6,0	6,0	6,0
	Divorciado/Desquitado	1	1,2	1,2	7,2
	Outros	3	3,6	3,6	10,8
	Solteiro	74	89,2	89,2	100,0
	Total	83	100,0	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Tabela 4: Curso

		Frequência	Porcentual	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	Enfermagem	15	18,1	18,1	18,1
	Medicina	68	81,9	81,9	100,0
	Total	83	100,0	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Outrossim, segue abaixo uma dissertação sobre as perguntas restantes do questionário, separando entre variáveis objetivas (participante escolheu entre as opções “sim”, “não” e “não sei”) e variáveis subjetivas (participante escolheu entre “totalmente”, “moderadamente”, “pouco”, e “não” abordado\apto\capacitado). Dessa forma, foi possível quantificar a percepção dos estudantes sobre o assunto e a necessidade de mudança ou não da abordagem da instituição de ensino.

Dentre as variáveis objetivas, 81 (97,6%) participantes disseram que existe diferença entre transexual, homossexual e travesti, sendo que apenas 2 (2,4%) negaram essa distinção. Ao serem questionados quanto a achar que a população LGBT possui peculiaridades que necessitam de maior atenção no âmbito da saúde, 66 (79,5%) expressaram que sim e 17(20,5%) não. Na pergunta: “Você tem ciência de alguma política de amparo à saúde para essa população? ”, 13 (16,4%) dos entrevistados responderam que sim, 69 (83,6%) não e 1 (1,2%) não sei. Quanto à seguinte indagação: “Você acredita que deve haver mudanças na forma de atendimento atual ao paciente LGBT? ”, 76 (91,6%) acreditam que sim e 7 (8,4%)que não. Por

Brazilian Journal of health Review

fim, na interrogação: "Você acredita que deve haver mudanças na abordagem do assunto pela sua instituição de ensino? ", 78 (94%) manifestaram que "sim" e 5(6%) "não".

Já nas variáveis subjetivas, 3 (3,6%) dos estudantes acham que um enfermeiro/médico generalista nesta região está totalmente apto a atender de forma satisfatória e respeitosa o público LGBT, 43 (51,8%) acreditam em moderadamente apto, 31 (37,3%) em pouco apto, 6 (7,3%) que não está apto. Ao serem questionados quanto a abordagem, em alguma doutrina, até o determinado período do curso em que se encontram, sobre a melhor conduta médica frente aos problemas apresentados pelos indivíduos da comunidade LGBT, 2 (2,4%) responderam "totalmente abordado", 10 (12%) "moderadamente abordado", 41 (49,4%) "pouco abordado", 30 (36,2%) "não foi abordado". Finalmente, na pergunta: "Você se sente capacitado em atender um indivíduo LGBT e suas particularidades? " 13 (15,7%) dos estudantes se sentem totalmente capacitados, 28 (33,7%) moderadamente, 36 (43,4%) pouco, e 6 (7,2%) não se sentem capacitados.

A partir dessas mesmas perguntas, realizou-se correlações, por meio do método estatístico chamado de "Coeficiente de Correlação Rô (ρ) de Spearman". Essa constante ρ de Spearman varia entre -1 e 1. Posto isso, quanto mais próximo estiver destes extremos, maior será a associação entre as variáveis. Quando uma relação é aleatória ou inexistente, o coeficiente se aproxima de zero. A correlação positiva indica, em geral, o crescimento ou decrescimento concomitante das duas variáveis consideradas. O sinal negativo significa que as variáveis variam em sentido contrário, isto é, as categorias mais elevadas de uma variável estão associadas a categorias mais baixas da outra variável (BAUER, 2007) (Tabela 5).

Tabela 5: Correlações

		P1	P2	P3	P4	P5	P6
P1	Correlações de coeficiente	1,000	-,004	,058	,141	-,072	**,252***
P2	Correlações de coeficiente	-,004	1,000	,191	,149	**,303**[**1]	,211
P3	Correlações de coeficiente	,058	,191	1,00	,062	-,167	-,038

[1] *. A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).
**. A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

Brazilian Journal of health Review

P4	Correlações de coeficiente	,141	,149	,062	1,000	-,170	**,239***
P5	Correlações de coeficiente	-,072	**,303****	-,167	-,170	1,000	**-,224***
P6	Correlações de coeficiente	,252*	,211	-,038	**,239***	**-,224***	1,000

Tabela 5: P1 - Até o determinado período do Curso de Medicina ou de Enfermagem em que se encontra, você acha que já foi abordado, em alguma doutrina, sobre a melhor conduta médica frente aos problemas apresentados pelos indivíduos da comunidade LGBT? P2 - Você se sente capacitado em atender um indivíduo LGBT e suas particularidades? P3 - Você acha que um enfermeiro/médico generalista nesta região está apto a atender de forma satisfatória e respeitosa o público LGBT? P4 - Você tem ciência de alguma política de amparo à saúde para essa população? P5 - Você acredita que deve haver mudanças na abordagem do assunto pela sua instituição de ensino? P6 – Sexo.

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Quanto aos dados qualitativos, obteve-se um total de 59 respostas válidas para a construção do "Quadro 1" e 75 para o "Quadro 2". Para a confecção da primeira tabela, os autores do referido trabalho basearam-se nas definições dos termos homossexual, travesti e transexual disponibilizados pelo manual "Gênero e Diversidade na escola" do Ministério da Educação, 2009.

Quadro 1: Opiniões mais representativas dos entrevistados sobre qual a diferença entre transexual, homossexual e travesti.

Categoria	Percepção correta	Falas mais representativas	Percepção errada	Falas mais representativas
Homossexual	N: 58 f(%): 98,3	"Homossexualidade é de acordo só com a afetividade amorosa, relacionamentos." *Participante 19*	N: 1 f(%): 1,6	"Homossexual é uma definição de gênero" *Participante 57*

		"Homossexual continua com suas características anatômicas, físicas e sociais porem possui atração física e emocional pelo mesmo sexo." *Participante 44*		
Travesti	N:42 f(%): 71,2	"Já a transexualidade e o travesti tem mais a ver com com a identidade, personalidade da pessoa" *Participante 19* *"...*e travesti é aquele que assume papel de gênero do sexo oposto." *Participante 55*	N:17 f(%):28,8	"Travesti são homens que possuem um prazer pessoal em se "transformarem" esporadicamente em mulheres, mas não necessariamente homossexuais" *Participante 32* "...travesti um modo de se portar" *Participante 48* "Travesti é o indivíduo que se identifica como mulher mas não necessariamente se sente incomodado com o sexo biológico." *Participante 58*

Quadro 1: Opiniões mais representativas dos entrevistados sobre qual a diferença entre transexual, homossexual e travesti. Conclusão.

Brazilian Journal of health Review

				"Travesti se refere unicamente ao fato de vestir-se do gênero oposto." *Participante 59*
Transexual	N: 58 f(%): 98,3	"Transsexualidade se refere à identidade de gênero..." *Participante 13* "Transexual é aquele que busca a transição do sexo de nascimento." *Participante 55*	N:1 f(%): 1,6	"Travestis e transexuais também são homossexuais." *Participante 47*

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Quadro 2: Opiniões mais representativas dos entrevistados sobre o porquê de acharem que a população LGBT possui peculiaridades que necessitam de maior atenção no âmbito da saúde.

Categoria	Falas mais representativas
Comportamento de risco N (16) F (21,3) %	"Sim, a maior parte dos casos de HIV do país são da população LGBT então acho necessário que haja um maior número de campanhas de conscientização que busque interagir mais com membros da comunidade LGBT" – *Participante 28* "Por ser considerado um grupo de risco pela OMS, necessita sim de uma maior atenção." *Participante* 39 "Muitos realizam práticas sexuais perigosas e por isso são um grupo de risco para DST's..." *Paciente 53*

	"...são mais propensos à doenças sexualmente transmissíveis devido ao número de parceiros sexuais, devido a dificuldade de um relacionamento aceito e estável..." *Participante 63* "Sim. De uma maneira geral, homossexuais do sexo masculino ainda possuem uma maior

Quadro 2: Opiniões mais representativas dos entrevistados sobre o porquê de acharem que a população LGBT possui peculiaridades que necessitam de maior atenção no âmbito da saúde. Continua.

	chance de contraírem DST, pela mecânica da relação sexual." *Participante 70*
Apoio Psicológico N (15) F (20) %	"Sim. Principalmente no que envolve questões psicológicas. Os preconceitos e exclusões que pessoas LGBT sofrem da sociedade, assim como seus medos e dúvidas tem que ser trabalhados." *Participante 7* "Atenção à saúde mental e multidisciplinar tendo em vista o processo de próprio reconhecimento e de aceitação e integração a sociedade e família caso este indivíduo esteja passando por dificuldades nesses âmbitos." *Participante 32* "Pois, devido ao contexto da atual sociedade, eles sofrem muitos danos psicológicos que podem interferir diretamente em sua saúde" *Participante 40* "são mais propensos à depressão e à transtornos emocionais devido a pouca aceitação que recebem da sociedade e da familia, dentre outras" *Participante 63*
Preconceito pela sociedade N (17)	"O indivíduo LGBT desde que começa a se entender por gente, passa por muitas

F (22,6) %	dificuldades e situações tanto no âmbito da auto aceitação como na aceitação da sociedade. E muitas vezes por causa de preconceitos, a pessoa cresce sem se entender e se aceitar o que pode acarretar em diversas consequências pra ela. Por isso os profissionais devem estar preparados tanto na área psicológica como fisiológica para dar um apoio integral a quem necessita." *Participante 72* "Sim, já que são pessoas marginalizadas pela sociedade. Essa discriminação pode causar grandes traumas, sendo necessário apoio psicológico e psiquiátrico adequado" *Participante 75*

Quadro 2: Opiniões mais representativas dos entrevistados sobre o porquê de acharem que a população LGBT possui peculiaridades que necessitam de maior atenção no âmbito da saúde. Conclusão.

Mais Respeito N (5) F(6,6) %	"Quanto aos homossexuais e travestis, o mais importante é o básico, respeito igual a qualquer outro paciente. " *Participante 18* "...ter respeito pela escolha sexual de cada individuo LGBT" *Participante 24* "O que todos precisam é de mais respeito, menos julgamento e mais profissionais preparados para lidar com as confusões que se passam na cabeça de uma pessoa da comunidade LGBT no caminho da sua aceitação." *Participante* 35
Suporte à redesignação sexual N (6) F (8) %	"Os transexuais, por exemplo necessitam de um atendimento específico com relação às cirurgias e aos hormônios" – *Participante 14*

	"Peculiaridades, mais propensos a problemas hormonais devido a tentativa de mudança do corpo sem devido acompanhamento pois o SUS não dá suporte para essas mudanças." *Participante* 62

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

4 DISCUSSÃO

Perante o exposto, é imprescindível dizer que existe algumas correlações entre algumas variáveis, mas apresentam uma força baixa. A correlação com maior força é entre as variáveis P5 (Você acredita que deve haver mudanças na abordagem do assunto pela sua instituição de ensino?) e P2 (Você se sente capacitado em atender um indivíduo LGBT e suas particularidades?). Nesse caso a correlação é significativa, ou seja, existe um indício de que o sentimento de capacitação para atendimento aos pacientes LGBT está correlacionado ao modelo educacional nas instituições de ensino. Portanto, se 94% dos alunos responderam que deve haver a substituição da abordagem, é evidente que o sistema vigente não aborda de maneira eficiente qual a melhor conduta profissional frente aos pacientes LGBT.

Essa constatação corrobora com o estudo de Freitas (2016), em que todos os entrevistados pela autora destacaram que, durante sua formação acadêmica, não houve nenhuma disciplina do curso com conteúdo curricular voltado para o tema e relações entre o atendimento e os usuários LGBT. Em semelhança a este pensamento, o participante 11 dessa pesquisa indagou que:

> "As práticas sexuais, redesignação, disforia de gênero, entre outras, são questões nunca ou praticamente nunca abordadas na graduação de medicina. Se o profissional tem interesse pela área ele busca conhecimento fora, se não, fica por isso mesmo. "

Nessa conjuntura, Pimentel et al. (2012) evidencia que a ausência da abordagem do tema transexualidade no plano de ensino das faculdades pode resultar na inabilidade desses profissionais rumo ao enfrentamento de questões sociais emergentes. Essa informação entra em conformidade com o dado de que 20,5% dos participantes do estudo vigente não acreditam que os indivíduos LBGT´S necessitam de maior atenção no âmbito da saúde, devido às suas peculiaridades. "Talvez o médico não tenha uma posição pessoal homofóbica, entretanto sua formação e suas práxis proliferam visões errôneas e simplistas da saúde das mulheres lésbicas" (CARVALHO, 2013).

Brazilian Journal of health Review

Assim como outros, o participante 74, revela: “Não acredito que no atual contexto exista alguma necessidade para um tratamento diferente”. De maneira similar, o paciente 30 expõe: “Toda a população necessita de maior atenção no âmbito da saúde, os LGBTs são pessoas iguais a qualquer outra, então não são um grupo em específico”. Nessa conjuntura, é interessante salientar que esse tipo de estudante virará medico/enfermeiro futuramente, portanto, cabe o questionamento:

> Existe uma formação insuficiente negligenciada pelos próprios médicos? Os médicos entrevistados não questionam sua qualificação, suas fragilidades pessoais, o próprio atendimento. Quase sempre insistem que população LGBT é culpada pelo atendimento que recebe, levando a uma questão que é multifatorial, pois envolve usuário, serviço, comunidade e gestão. (FREITAS, 2016, p. 40)

Além disso, a partir do questionamento sobre o conceito de travesti, foi notório que 28,8% dos alunos desconhecem o real significado da nomenclatura. Dentre essa porcentagem, a maioria definiu o termo similar a “dragqueen”, ou seja, como homens que possuem prazer em usarem vestimentas e acessórios femininos, por um período temporário e não se sentem incomodados com o sexo de nascimento. Em contrapartida, Pimentel et al. (2012), debate que a definição da terminologia de conceitos como transexualidade, travesti e homossexualidade, tornam-se importantes à medida que nos fornecem dados sobre esse indivíduo, e subsidiam a prescrição de cuidados a essa clientela e o estabelecimento de prioridades a essas condutas.

Em contrapartida, como ponto positivo, ao indagar os participantes se acreditavam que a homossexualidade e transexualidade eram uma patologia, todos responderam não. Segundo Rogers (2016), a representação da transexualidade como uma doença, além de equivocada na sua base epistemológica, limita o olhar ampliado, pois ignora os diversos contextos sociais, culturais, de classe e raça aos quais pessoas LGBT´S estão submetidas. Ademais, ainda conforme seu pensamento, essa concepção reducionista impede o olhar holístico e a subjetividade do sujeito, na medida que ignora as diversas possibilidades de expressão das identidades de gênero.

A concepção dos participantes sobre essas definições entra em consenso pelo que será divulgado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em maio de 2019, no manual do CID-11. Nessa versão, a transexualidade deixa de ser considerada um “transtorno” para ser classificada como uma "condição", a "incongruência de gênero" - "uma incongruência marcada e persistente entre o gênero que um indivíduo experimenta e o sexo ao qual ele foi designado". Além disso, deixa de estar incluída na lista de "distúrbios mentais" e passa a integrar uma nova classificação - "condições relacionadas à saúde sexual".

Brazilian Journal of health Review

Borges, Pereira e Leão (2012) sinaliza que o desrespeito é um dos principais fatores responsáveis pelo mau atendimento prestado aos transgêneros nos serviços públicos de saúde, tendo como referência específica o atendimento dos profissionais que recebem diretamente as pessoas nos serviços de saúde, dentre eles, médicos e enfermeiros. Tal ideal respalda 6,6% da opinião dos entrevistados, ao serem interrogados sobre a necessidade de maior atenção a essa população na saúde. À exemplo disso, têm-se o seguinte ponto de vista do participante 35: "O que todos precisam é de mais respeito, menos julgamento e mais profissionais preparados para lidar com as confusões que se passam na cabeça de uma pessoa da comunidade LGBT no caminho da sua aceitação".

Ainda dentro desse mesmo questionamento, outras peculiaridades que precisam de maior cuidado nos atendimentos, segundo a opinião dos interrogados, são: comportamento de risco (21,3%), apoio psicológico (20%), preconceito pela sociedade (22,6%) e suporte à redesignação sexual (8%). Essas categorias entram em conformidade com a literatura disponibilizada para os curiosos sobre o assunto, como relata o artigo de Facchini publicado no Jornal de Direitos Humanos da Universidade Federal de Campinas (Unicamp).

> A maior parte da produção científica brasileira sobre LGBT focaliza o HIV e aids, único tema sobre o qual há produção sistemática e regular de dados epidemiológicos. O segundo maior tema é o da discriminação e violência, que aparece articulado à vulnerabilidade individual e social para a infecção pelo HIV, mas também para outros agravos à saúde, incluindo depressão, ideação e tentativas de suicídio, abuso de substâncias e, ainda, dificuldades de acesso a cuidados e serviços de saúde (FACCHINI, 2018, p.1)

Com base nisso, os autores desse trabalho acreditam que é imprescindível a realização de mais trabalhos nessa área para que o conhecimento sobre as reais necessidades das diversidades de gênero alcance os futuros profissionais de saúde, visto que, as opiniões que os estudiosos têm sobre esse assunto se respalda apenas nas informações dos únicos artigos científicos publicados.

5 CONCLUSÃO

A partir da aplicação do projeto, foi possível perceber que os participantes têm consciência das lacunas em seu processo educacional, e da mesma forma, conseguem apontar as principais dificuldades de uma formação completa. Observou-se que a relação médico-paciente LGBT ainda é um conteúdo pouco abordado em sala de aula, e que nem sempre, após

a graduação, os médicos estão totalmente capacitados em atender as peculiaridades desses indivíduos, de maneira respeitosa e integral.

Assim, é imprescindível a elaboração de mudanças a nível de graduação para auxílio da população LGBT na área da saúde, visto que a maioria dos voluntários não se consideram totalmente aptos para realizar o atendimento desses grupos, negam significativa abordagem sobre a melhor conduta por parte da Instituição de Ensino e desconhecem as políticas públicas voltadas à diversidade de gênero.

De forma geral, novos trabalhos sobre o tema se fazem necessários para discutir tanto a formação desse profissional que vai atender o paciente LGBT, como sobre os processos necessários à efetivação das políticas em seus objetivos de melhor atendimento de saúde e redução dos processos discriminatórios em saúde.

Conclui-se, portanto, que a proposta geral do trabalho foi atendida, entretanto, encontrou-se dificuldade para a realização da metodologia devido à não colaboração massiva dos estudantes de Medicina e Enfermagem, mesmo após extensa divulgação do formulário por meio de diversas redes sociais.

REFERÊNCIAS

BAUER, Lidiane. **Estimação do Coeficiente de Correlação de Speraman Ponderado**. Abril, 2017. 95 p. Mestrado em Epidemiologia, do Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia da UFRGS - Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

BORGES, Carla Cristina; PEREIRA, Fábio Rodrigues; LEÃO, Mariza Ferreira. “Trans” pondo o arco-íris: uma análise acerca do suporte social oferecido aos transgêneros de Patos de Minas e região. **Revista Perquirere**, Patos de Minas, n. 9, v. 1, ago. 2012.

BRASIL. **Ministério da Educação.** Gênero e Diversidade na escola. Brasília, 2009.

CARVALHO, Vanessa Azambuja. **As representações sociais de mulheres lésbicas sobre atenção à sua saúde.** 2013. Conclusão de Curso de Especialização em Saúde Pública - Faculdade de Medicina, Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 2013.

FACCHINI, Regina. Direitos humanos e diversidade sexual e de gênero no Brasil: avanços e desafios. **Jornal da UNICAMP** - 25 jun. 2018. Disponível em: < https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/direitos-humanos/direitos-humanos-e-diversidade-sexual-e-de-genero-no-brasil-avancos-e>. Acesso em: 28 de fev. 2019.

FREITAS, Flávia Rachel Nogueira De Negreiros. **Saúde da população LGBT: da formação médica à atuação profissional**. 2016. 66 p. Mestrado em Ciências da Saúde, Política Planejamento e Gestão em Saúde – Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2016.

GUARANHA, Camila. **Travestis e Transexuais: a questão da busca pelo acesso à saúde. 2011**. 12p. Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS – Faculdade de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 2011.

PIMENTEL Machado, Carolina, Amorim Costa, Cristiane Maria, Costa Martins, Elizabeth Rose, Ribeiro Francisco, Marcio Tadeu, Clos, Araci Carmem, Spindola, Thelma. A percepção dos graduandos de enfermagem acerca do cuidar a clientes transexuais. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, 4 abril. 2012.

Organização Mundial da Saúde. CID-11 - **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde**. Disponível em: <https://icd.who.int/> Acesso em: 27 de fev. 2019.

ROGERS, João. et al. Pessoas Trans na Atenção Primária: análise preliminar da implantação no município de Florianópolis, 2015. **Saúde & Transformação Social**, Florianópolis, v.7, n.3, p.49-58, 2016.